

## GUILHERME DA SILVEIRA



E' no proximo sabbado, 8, que se realisa no theatro do Gymnasio a festa artistica de Guilherme da Silveira, com a primeira representação do *Prestidigitador*.

Deve ser esplendida a festa de Silveira, um artista de primeira plana, estudioso, intelligente, correctissimo em todos os seus papeis, e que mais largas provas nos teria dado já do seu enorme merecimento se o exercera n'um outro meio mais desaffogado, como o theatro normal, para o qual, é nosso parecer, devera ter sido chamado ha muito e onde certamente havia de prestar serviços importantissimos.

O theatro do Gymnasio é pequeno para os recursos de Silveira e o artista ali estiola-se como a planta robusta constringida ao ambito d'uma jarra deficiente.

## CHRONICA

Assim como, dos grandes banquetes, ficam sempre iguarias intactas, que ainda chegam para o jantar do dia seguinte, assim da inauguração do monumento aos restauradores da patria nos ficaram alguns sobejos que vamos incluir no *menu* d'esta semana.

As estatuas, por tantos annos abafadas em sarapilheira e finalmente expostas á contemplação do publico, parecem-nos realmente bellas e mais bellas nos pareceriam de certo se os sabichões do arsenal do exercito não tivessem, por sua conta e risco, alterado os modelos produzidos pelos esculptores.

Parece que uma das *correcções* feitas no arsenal do exercito foi diminuir o comprimento das azas ás estatuas.

Naturalmente, tiveram medo de que a Independencia e a Victoria levantassem um dia o vôo, e, á cautella, foram-lhes cortando as azas para que não fugissem da praça dos Restauradores, como é uso fazer aos borrachinhos para que não fujam á caçarola das hervilhas...

Já que estamos com a mão na massa das estatuas, aproveitamos o ensejo para chamar a attenção da Commissão Central 1.º de Dezembro e dos regadores da camara municipal sobre o estado de porcaria em que se acham as pernas da estatua da Victoria.

Aquillo nem parece uma Victoria de bronze, com logar de honra na praça dos Restauradores; parece uma Victoria de carne e osso, com logar de hortaliça na praça da Figueira...

Quem deixa chegar as pernas a semelhante estado de porcaria, tem ao menos o pudor de não as mostrar em publico.

A arcia profusamente espalhada em torno do monumento por occasião da sua inauguração, fôra muito mais bem empregada, com o patrocínio d'um côco e respectivo sabão de potassa, para esfregar as pernas da Victoria...

Para que a nossa autonomia fosse de lavar e durar, quando inauguraram a Victoria deviam ter-lhe applicado commulativamente hymno da Restauração—e esponja...

O drama escripto pelo juiz Miguel Osorio para o theatro de D. Maria morreu de gosma á terceira representação.

Emfim, sempre deu tres a fio e console-se o auctor com isso, porque, nos tempos que vão correndo, bem poucos poderão gabar-se de semelhante *Africa*...

Pela nossa parte compunge-nos sinceramente que o dr. Miguel Osorio produzisse um trabalho tão serodio e destinado ao theatro de D. Maria.

Aquillo, engendrado aqui ha coisa de vinte e cinco annos, (e sem palavras, já se vê) tinha dado uma soberba mimica para o circo de madame Tournure.

O ultimo *supplemento litterario do Correio da Manhã*, publica uma carta do citado auctor, precedendo-a das seguintes palavras:

«Do sr. dr. Miguel Osorio recebemos a carta que

em seguida damos. A indole especial do nosso numero de hoje não nos permite publical-a na primeira pagina do nosso jornal, e não querendo nós demorar a publicação, somos obrigados a fazel-a na *Secção Noticiosa*.»

Não poder publicar n'um *supplemento litterario* o portuguez vernaculo sem mistura do dr. Miguel Osorio, só lembra ao patetinha do Pinheiro Chagas!

A carta do dr. Miguel é uma tunda de achatar, em resposta á carta do Luiz Augusto Palmeirim.

Diz elle, entre outras de igual peso, que a 1.º de Dezembro suspendeu a publicação do opusculo do Palmeirim «porque não devia, ella propria, pôr em duvida a tradição de terem sido 40 os iniciadores da restauração, quando tinha adoptado esse numero symbolico para a sua organização, constituindo-se com 40 vogaes effectivos e 40 supplentes.»

Pois decerto!

Queria agora o Palmeirim que, por uma simples questão de verdade historica, a 1.º de Dezembro fosse bulir no numero symbolico, reduzindo ou augmentando os 40 membros, como o governo fez ha pouco aos 40 maiores contribuintes!

Sempre nos quíz parecer que este poeta do Luiz Augusto não tinha a bola no seu logar!

Pois fique sabendo que aquelles 40 membros são inalteraveis como o oleo de figado de bacalhau de Lanman e Kemp.

Ali não entra membro nem sae membro ainda que lh'o peçam por alma dos seus defuntos!...

Na recita de gala do theatro de D. Maria deu-se um incidente inesperado que poz em sobresalto todos os espectadores que haviam levado senhoras áquella festa.

Repentinamente, como um anjo que vem do ceu aos trambulhões, cae em scena o sr. Ah! ah! ah! ah! d'Almeida e, largando todo o bridão do seu Pegaso fogoso, desata em corrida de fundo do hippodromo do Parnaso, atirando para a real tribuna, como punhados de grangéa, uma saraivada de versos na mesma rima, por este teor e forma

«Senhor! que sois o patrono...»

E tal e coisa d'aqui d'acolá... «abono!»

Mais isto, mais aquillo, mais aquell'outro... «no throno!»

Nestas alturas, e com tal persistencia de rima, muitas senhoras começaram a tossir violentamente, e o sr. marquez de Vallada, que assistia d'um *fauteuil*, escondeu-se debaixo do assento de palhinha, naturalmente receioso de que a rima continuasse e viesse por ali alguma piada directamente apontada á sua illustre personalidade...

Felizmente o Pegaso do sr. Ah! ah! ah! ah! d'Almeida saiu da pista das rimas em *ono*, o que fez com que o sr. Bailio saisse tranquillo de baixo do assento.

Esteve quasi furado o casamento de sua alteza o principe D. Carlos.

A crise foi assim:

A princeza Maria Amelia, que segundo affirma o Serpa Pimentel, já entende bastante da lingua portugueza, pegou ha dias n'um jornal onde se descrevia a inauguração do monumento aos restauradores e começou a lêr aqui e ali, ás phrases soltas, conforme lh'o

permitted os conhecimentos por ora deficientes da nossa lingua. De repente estacou, fez-se branca como o miolo d'um queijo fresco, depois vermelha como a côdea d'um queijo flamengo, e poz-se a soletrar muito pausadamente, como quem não quer perder nem uma virgula:—o prin-ci-pe D. Car-los, des-co-briu a Vic-to-ri-a...

—Não tem que vêr! murmurou sua alteza muito tremula; trata-se positivamente d'uma aventura picante do meu noivo... Os portuguezes teem o costume de referir pelos jornaes as suas aventuras amorosas. Alguns, quando as aventuras ainda estão em vel-o-hemos, já andam a fallar d'isso a vintem a linha nos annuncios do *Diario de Noticias*... O Lovelace do sr. meu noivo teve o impudor de descobrir uma Victoria—talvez no momento em que a pobresita estivesse dormindo o somno da innocencia...

Ora um homem que anda a descobrir Victorias nas vesperas do casamento, logo que passe a lua de mel é capaz de descobrir para ahi o resto da humanidade feminina...

—Pois deixa estar que eu te arranjarci!... continuou sua alteza n'um gesto de ameaça.

E, lembrando-lhe n'esse momento os bons tempos do theatro da rua dos Condes, em que o Queiroz e a Fialho faziam *O sr. João e a sr. Helena*, a princeza Amelia poz-se a cantarolar batendo o pé phreneticamente:

\*A mim não descobres tu,  
Tru-lu-ru;  
Anda para cá  
Trá-lá-rá...\*

Afinal lá lhe explicaram que a Victoria de que se trata não é nenhuma Victoria de pouco mais ou menos e que podia sua alteza viver socegada ainda que o sr. seu marido passasse toda a vida a cobrir e a descobrir Victorias d'aquella massa...

Assim, sempre se realisa o auspicioso enlace e não tarda muito que a princeza dê entrada n'estes reinos, que passam a ser os seus.

Sobre a forma porque a princeza ha de dar entrada é que lavram ao que parece algumas duvidas de difficil resolução.

Não se sabe por ora se será por terra se por mar.

Uns querem que ella dê entrada pela via secca, lembrando o incommodo da princeza em passar do caminho de ferro para a galeota; outros opinam que é melhor dar entrada pela via humida, não obstante o incommodo, que será bem compensado pelo aspecto do formoso rio em preamar de aguas vivas.

Nós achamos bom qualquer dos alvitres, excepto o lembrado pelo *Correio da Noite*, que acha preferivel para o embarque a ponte dos caminhos de ferro junto á *gare* do Caes dos Soldados.

No Caes dos Soldados por principio algum; nas veias de sua altura corre o sangue de Orleans não corre o do sr. Bailio de Malta!

O sr. Augusto Damaso Migueis da Silva Ramalho da Costa, naturalmente desconsolado por ter um nome tão pequeno, pensou em augmental-o adicionando-lhe

o titulo de visconde.

Mas visconde de quê?...

Visconde da Costa era o diabo porque fazia logo lembrar a sardinha d'aquella proveniencia e ficava até pedindo um *salpicadinho* de entremeio, arredondando o titulo de *Visconde Salpicadinho da Costa*...

N'estes termos, e não havendo já nomes de gente de ruas, de travessas e de boqueirões que não tenham o seu respectivo visconde, s. ex.<sup>a</sup> teve uma ideia luminosa; fazer-se visconde do seu alfinete de manta!

E, como o citado alfinete era composto d'uma saphira, o sr. Augusto Damaso foi agraciado com o titulo de visconde de Saphira!

A lembrança do sr. Damaso Migueis foi um maná para o governo, que já não sabia de que casta havia de fazer viscondes e barões.

Agora, com o precedente da Saphira, é facil augmentar ainda o formigueiro da nobreza nacional, explorando sem proveito do sangue azul a bem fornecida montra do Moreira 103.

Ao Antonio Ignacio da Fonseca, por exemplo, que é branco como a branca alféola, poderá ser concedido, em harmonia com a alvura da sua cutis, o titulo de visconde de Perola.

Quando o Antonio Ignacio for jantar ao Tavares, o Bernardino poderá gritar para o cosinheiro—respingando na seára do sr. Mendonça e Costa:

—Salta uma sopa de perola, para o sr. viscondedo mesmo titulo!

O José das Pinguinhas, attendendo á sua predilecção pelo *roxo*, será nomeado barão de Amethista.

O titulo de visconde de *Diamante*, não terá talvez muitos concorrentes em razão do grau de parentesco que ficava estabelecido entre o agraciado e um boi de nora...

Depois de se esgotarem as pedras preciosas, o governo terá ainda o recurso das pedras da calçada, havendo então um bello ensajo para agraciá-lo com um titulo de nobreza propria o sr. Pedro Penedo da Rocha Calhau.

E o sr. Fontes, em attenção á sua esperteza proverbial, receberá com justiça o titulo de duque da Pedra da Alleluia...

PAN-TARANTULA.

## COLISEU DOS RECREIOS

E' hoje, 5.<sup>a</sup> feira, a festa extraordinaria de Santos Junior, festa que hade ficar indelevel na memoria de toda a gente, como se ahi fosse gravada com tinta de marcar roupa!

Além de se apresentar tudo que ha de mais notavel em artistas aereos, equestres, pedestres, e não sabemos até se subterraneos, o interesse do espectáculo será avivado com tombolas, premios, brindes, de forma que o espectador assiste á festa e ainda traz para casa objectos de valor superior ao preço do bilhete.

O mesmo que succedeu ao Pedro d'Alcantara, o qual foi a Roma com seis vintens na algibeira, comeu, bebeu, viajou, divertiu-se, e voltou de lá com seis liras de cavallinho.

A festa, pois, do Santos Junior, e quanto mais depressa melhor, porque n'este caso—como no do Evangelho—os ultimos que chegarem serão os primeiros... a voltar pelo mesmo caminho, por já não haverem encontrado logar nem escarranchados n'um mastro!

# PREPARATIVOS PARA AS FESTAS

## FOGUETEIROS DA CASA REAL



— Esconde lá isso atraz da porta enquanto preparamos os foguetes. Mas conserva-a sempre debaixo de vista, pois é provavel que torne a servir para depois d'este artificio...

## LIVROS NOVOS

Um canteiro parnaseano parece agora a nossa banca de trabalho, vistosamente florida de uns poucos de soberbos volumes de poesias.

*Serenatas*, de João Saraiva, um mimoso ramilhete de esplendidos versos, dos quaes nos permittiriamos a liberdade de transcrever alguns, se a maior parte da imprensa o não houvéra feito já, dispensando ao auctor os merecidos elogios de que a sua obra o tornou tão justamente credor, elogios que nós egualmente lhe não regateamos com a sinceridade com que costumamos não regatear descomposturas a quem as merece.

*Reminiscencias*, de Gonçalves de Freitas, o auctor da *Noite de Nupcias* essa deliciosa comedia que o poeta teve a inspiração de produzir e a impiedade de retirar de scena.

Lambemos moralmente os beijos pensando no prazer que nos espera quando em breve saborearmos a leitura d'essas estrophes, que antevemos magnificas.

*Germano*, o drama em verso de Abel Accacio, produção duas vezes original, uma pela concepção e outra pela celebridade adquirida ainda antes de ver a luz da publicidade.

Fervemos em pulgas por ler de fio a pavio esse curioso trabalho que tudo recommenda, desde a nomeada que o precede, ao nome do author que é uma garantia.

*O Anti-Christo*, de Gomes Leal, edição d'esse faguilha artistico chamado Alberto d'Oliveira.

Um livro que já ia tomando no nosso espirito as proporções de el-rei D. Sebastião, tanto se demorava em apparecer-nos como *desejado* era para nós.

Vamos tambem lê-lo com a sofreguidão com que um encalmado esgota um copo d'agua da Sabuga.

*O chá e o café*, volume em prosa, publicado pela Casa Chinesa da rua do Ouro 234, e artisticamente composto na typographia Luso-Brazileira.

Este não tencionamos lê-lo, mas vamos em compensação beber os excellentes productos n'elle annunciados.

## THEATRO CHALET DA RUA DOS CONDES

A empresa, artistas e mais empregados d'aquelle theatro, tiveram uma boa ideia. Realisar hoje, 6 de maio, uma récita a favor do conhecido actor Marques, um bom velhote, que ha coisa de vinte annos fez, de sociedade com o Taborda e o Braz Martins que ja lá vae, as nossas delicias no theatro do Gymnasio.

Parece-nos que ainda estamos a ouvir-o gritar n'aquella soberba comedia *A morte do gallo*:

—Ay munta xente morta n'esta caixa!

Coitado! Deus queira que elle hoje possa dizer no Chalet da Rua dos Condes:

—Ay munta xente biba n'esta platèa!

## CASOS, TYPOS E COSTUMES

## RECITAÇÃO AO PIANO

Toda a gente, apurando os ouvidos,  
Em silencio rodeia Adriano,  
Que o poeta, accedendo a pedidos,  
Vae enfim recitar ao piano...



—«Lá mui longe...» (começa o poeta)

«Onde o sol tropical nos abraza...»

E, no gesto, co'um dedo que espeta,  
Fura um olho do dono da casa!



—«Lá mui longe, na terra onde o carro  
Refulgente, do sol, se approxima...»

N'isto dá-lhe um terrivel pigarro,  
Cospe em cheio na cara da prima.



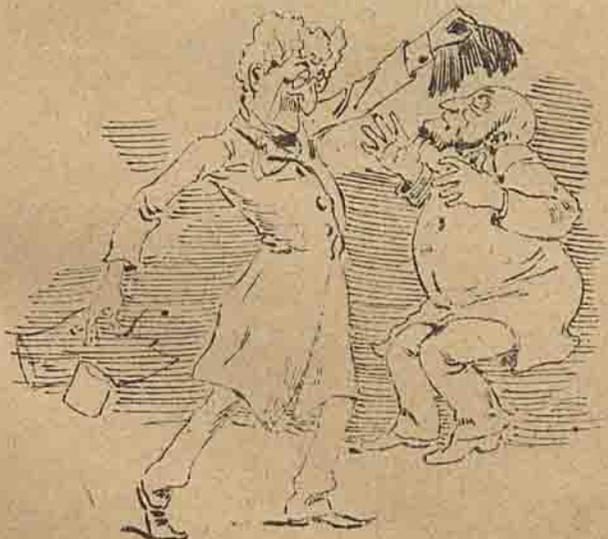
—«Lá mui longe, no extremo do polo  
Onde a neve jamais se desfaz...»  
Ergue o pé e, poisando-o no solo,  
Pisa o rabo do gato maltez.



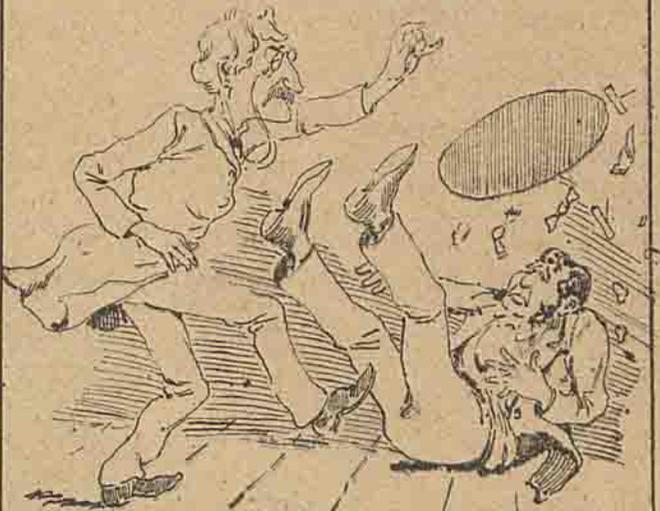
—«Lá mui longe, no grande Adriatico,  
Onde nem ha goraz, nem corvina...»  
Dá co'as ancas n'um pé de vinhatico  
Em que poisa uma jarra da China.



—«La mui longe, onde o reg'lo Quimpinja  
Entre negros crucis vive só...»  
Deita as mãos á cabeça d'um ginja  
Arrancando-lhe inteiro o chinó.



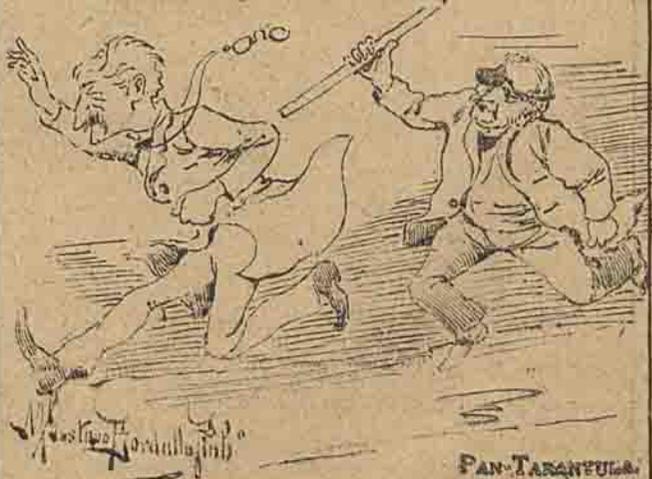
—«Lá mui longe, onde em rubras batalhas  
Se ergue o fumo, formando alvos rolos...»  
Dá um coice a atirar de cangalhas  
Co'o o criado e a bandeja dos bolos.



—«Lá mui longe, onde o sabio Coniucio  
Prestou tantos, tão grandes serviços...»  
Dá um murro nas ventas d'um sucio  
Desfazendo-lhe os dentes postiços.



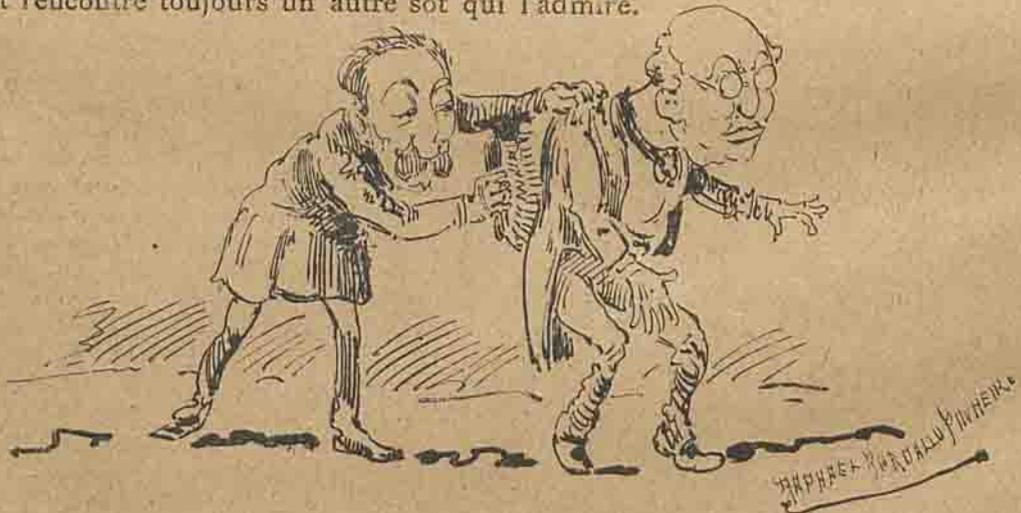
—«Lá mui longe, não sei que aconteceu,  
(Diz o dono da casa, que estoirá)  
Cá em casa, os ladrões d'essa espec'c,  
São corridos a pau de vassoira!...»



DEUS OS FEZ... DEUS DEVIA JUNTAL-OS...



Un sôt rencontre toujours un autre sôt qui l'admire.



Palmeirim prega-lhe uma valente escovadella. Pena foi não lh'a ter applicado antes d'elle escrever o drama...